



## APRESENTAÇÃO | CADERNO TEMÁTICO: "SABER-FAZER EM CIÊNCIAS & TECNOLOGIAS – TRAJETÓRIAS AFRODIASPÓRICAS"

PRESENTATION

PRESENTACIÓN

PRÉSENTATION

*Zuleika Stefânia Sabino Roque<sup>1</sup>*

*Eliane Costa Santos<sup>2</sup>*

*Gustavo Henrique Araújo Forde<sup>3</sup>*

---

<sup>1</sup> Possui licenciatura e bacharelado em História (UNIVAP), licenciatura em Pedagogia (UNITAU), Mestre e Doutora em História (PUC/SP), Pós Doutoranda junto ao Centro de Matemática Computação e Cognição, Programa de Neurociência e Cognição da Universidade Federal do ABC, integrante do Grupo de Estudos de Aspectos Neuropsiquiátricos e Motricidade (GEANM). Afiliada à ABPN. Professora da Educação Básica Rede Pública Estadual de São Paulo.

<sup>2</sup> Doutora em Educação/FE-USP, Mestra em Educação Matemática/PUC-SP. Licenciada em Matemática/UFSC. Docente da UNILAB- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/Malês-BA. Coordenadora do GIPEm- Grupo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa em Etnomatemática/UNILAB. Membro do GEPEm/FE/USP. Professora convidada do Mestrado em Educação da ULAN/Angola. Pesquisadora em Etnomatemática, Racismos e Decolonidade do Saber nas Culturas africanas e quilombolas.

<sup>3</sup> Doutor em Educação e professor adjunto do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), onde atua na área Educação das Relações Étnico-Raciais. É pesquisador do Núcleo Capixaba de Pesquisa em História da Educação (NUCAPHE - Ufes e, do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB – Ufes). Desenvolve estudos e pesquisas em afrodescendência e relações étnico-raciais na educação, com interesse especial nos campos da história da educação da população negra, do movimento negro e da matemática. Atualmente é Pró-Reitor de Assuntos Estudantis e Cidadania da Ufes.



Em “Saber-Fazer” em Ciências & Tecnologias- Trajetórias Afrodiaspóricas, a Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negras e Negros, visa uma trajetória insubordinada a aproximação da ciência produzida na academia com as práticas referenciadas nas matrizes culturais africanas e diaspórica afro-brasileiras.

Pluralizar “ciência” e “tecnologia” tem para nós a significância do conhecimento acumulado pela humanidade, bem como das tecnologias datadas antes da colonialidade do saber, compreendendo a necessidade de fazer eclodir os marcos silenciados de muitas produções acadêmicas de africanos e diaspóricos.

Saber-Fazer é demonstrar domínio de ciência e de tecnologia, dos mestres dos saberes, das comunidades além-mar. Portanto nesse sentido, foram reunidas neste Dossiê da ABPN a trajetória de alguns pesquisadores que têm colaborado das mais diversas formas para inserir temáticas que nos são caras e consolidar a pesquisa no campo de Africanidades em C&T, como também, dos que tratam da produção realizada neste campo, sinalizando que o enfrentamento do racismo com diferentes estratégias.

Portanto, os artigos apontam desde a acolhida do estudante da Educação Básica, que sofre diferentes formas de racismo e violência simbólica mediante a toda carga eurocêntrica opressora na qual foi cunhada nosso sistema educacional, tendo a perspectiva de uma quebra de paradigmas a partir de um currículo de ciências afroreferenciado permitindo importantes reflexões identitárias, como é o caso da representatividade, ou melhor dizendo, da falta dela das representatividades em nossos livros didáticos, que mesmo após anos da alteração da LDB e promulgação da Lei 10.639/03 ainda segue reforçando narrativas únicas e que promovem a exclusão da maioria da nossa população; perpassando por uma discussão pertinente e delicada que é sobre o cabelo. Longe de ser questão estética, estamos tratando do rompimento de padrões. Tais discussões são realizadas nas contribuições de *Caio Ricardo Faiad da Silva*, *Gabriela Aparecida de Lima*, *Daisy de Brito Rezende*, com o artigo intitulado “**a representação étnico-racial nos cadernos de ciências da natureza das redes municipal e estadual de São Paulo**” e no artigo de *Marcia Narcizo Borges*, “**A Química nos cabelos: relato de experiência de ensino CTS visando uma educação antirracista**”.

Adentrando ao Ensino Superior, luta contínua nossa de ocupação cada vez maior de nosso povo que tem paulatinamente avançado fruto do movimento educador negro,



que forma e transforma, fazendo da Universidade um lugar de fato universal, contamos com três contribuições, sendo uma delas relacionada ao acesso e permanência de estudantes quilombolas e outras duas que utilizam uma concepção de currículo que tem a cultura como escopo. Em **“Acesso e permanência na Educação Superior: percepções de estudantes quilombolas na Baixada Maranhense”** de autoria de *Dinalva Pereira Goncalves, Evandicleia Ferreira De Carvalho, Ana Patricia Dos Santos Sodré*, nos elucidam sobre o cotidiano de estudantes cotistas, revelando perfil desses estudantes e desmistificando práticas discursivas que insistem em estereotipar os estudantes oriundos da educação pública, principalmente os que fazem uso de ações afirmativas. Em **“(Etno) Ciência africana: uma epistemologia a partir do pensamento dos Dogons”** de *Elcimar Simão Martins, Alexandrino Moreira Lopes, Ianes Augusto Cá, Jorge Andrade*, joga-se luzes sobre os povos Dogons e amplia-se a perspectiva sobre o que (des)conhecemos da África, na tríade escriturário-empoderamento e resistência uma experiência decolonial promove pertinente discussão. Na mesma esteira, de uma abordagem afroreferenciada e comprometida com a revelação de Áfricas, o Egito é apresentado em uma perspectiva matemática, sendo lido a partir de uma fonte histórica que é o papiro, elucidando-se sobre o pensamento matemático, mais especificamente dizendo, o cálculo algébrico em períodos anteriores à Era Cristã, colocando um movimento pendular na História que tende a insistir na ocidentalização da ciência. *Gustavo Henrique Araújo Forde* em **“Matrizes negro-africanas do cálculo algébrico: o conhecimento matemático no papiro Ahmes”** de forma interdisciplinar aproxima tanto a História da Matemática, quanto o Ocidente do Oriente.

A ciência, o saber-fazer permeado por sons e vozes, ritmos e luta contra opressões de gênero e geração, são apresentados através do Maracatu e da Capoeira, sendo a memória o eixo condutor dessas formas de luta. Em **“Baque mulher e suas raízes na memória cultural/religiosa do Maracatu Nação: uma análise de performance”**, de *Viviane de Faria Moreira*, a performance de mulheres, evidenciam o quão vital o feminismo negro nos é as pautas legítimas, como dizia Lélia Gonzalez “Sabe qual é o negro mais bonito do mundo? É aquele que tem consciência de suas raízes, de suas origens culturais. É aquele que tem a atitude de quem sabe que é ele mesmo”. A oralidade é uma herança capaz de conectarmos à nossa ancestralidade e traduzir



conhecimentos que ainda estão longe de serem inventariados na lente reduzida e eurocêntrica. Mais do que roda, mais do que dança, mais do que luta, um modo de ser e estar no cotidiano, esquivando, gingando e lutando sim, contra o esquecimento, pois a função da história é lembrar aquilo que pode ou não ser foco de esquecimento social, em **“Ensaio sobre a arte da Escuta: Mestres de Capoeira e Acadêmicos, experiências em jogo”**, *Zuleika Sabino* aponta o quanto a Capoeira, sendo uma prática forjada na realidade brasileira de tempos de escravidão e que se mantém nos dias de hoje, é uma manifestação da brasilidade que pode ser analisada sob diferentes prismas. No presente estudo, pretende-se transcender às representações da capoeira como objeto de investigação da história, cultura, esporte, folclore, e abraçar novas representações.

Por fim, seguimos com saberes e fazeres a serem documentados em diferentes espaços, seja na escola, na universidade, na rua, na roda, nos livros, e nada mais contemporâneo do que uma forma de luta em meio virtual, o movimento negro se educa, se re-educa, se re-inventa, precisamos estar atentos a toda a sua vitalidade. A sociedade em rede está consolidada e o antirracismo tem atuado também neste campo, como nos demonstra *Sandro Lopes dos Santos e Vera Lúcia Nojima* em seu artigo **“Marca da campanha 21 Dias de Ativismo contra o Racismo: uma expressão do Design Afirmativo”**.

Assim, esses diferentes autores e autoras negras da área de ciências e tecnologias contribuem para apreendermos os processos de resistência a partir das intervenções do pensamento negro desde séculos a.c., nos potencializando para pensarmos em estratégias de transformar a realidade no tempo atual.

Boa leitura!